

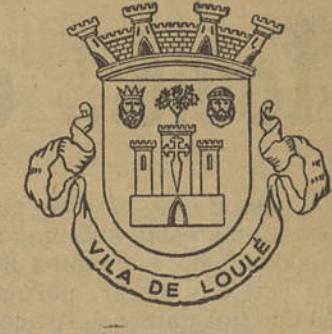
«SEM ALEGRIA, A  
HUMANIDADE NÃO  
COMPREENDE A SIM-  
PATIA NEM O AMOR»  
RAMALHO ORTIGAO

ANO VI — N.º 148  
JANEIRO  
5  
1958

AVENÇA

# A Voz de Loulé

Biblioteca Nacional



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIÃO  
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.  
Telefone 154

DIRECTOR  
JAIME GUERREIRO RUA  
FARO

EDITOR E PROPRIETÁRIO  
JOSE MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
GRAFICA LOULETANA  
Rua da Carreira, 42-44  
Telefone 216  
LOULÉ

## ANNO NOVO

É este o primeiro número do nosso jornal que sai em 1958 e é também o primeiro do seu regresso a quinzenário. Não vale a pena voltar a dizer das razões desse regresso. É facto consumado.

Continuamos, porém, na trinchera da pequena imprensa da província a ocupar o mesmo sector e a desejar manter a mesma posição. Esperamos que, mais folgados, possamos manter o antigo nível.

Segundo o Calendário Gregoriano, este triste mundo em que vivemos enceta hoje um novo ano e embora, na sequência fatal dos dias, hoje nos pareça igual a ontem e amanhã se nos vislumbre igual a hoje, o dia de Ano Novo tem como que um sabor diferente, cria-nos um ambiente de promessa, um anseio de vida nova.

Para muitos será uma desilusão, mas para todos, os que chegámos a 1958, é uma vitória sobre o Tempo.

Congratulamo-nos com ela e que isso sirva de incentivo e de esperança para que iniciemos a vida do novo ano com a alegria e a confiança de que, segundo já arreigada tradição, este dia é promessa.

Aos nossos leitores, aos nossos amigos e aos nossos colaboradores, desejamos que este dia de Ano Bom se não desfeche em frutuosas desilusões e antes seja o primeiro de um ano que se desentranhe em prosperidade feliz e em sãs e francas alegrias.

## Distribuição de prémios aos alunos mais distintos do concelho

ra, realizou-se no dia 22 de Dezembro a tradicional sessão solene para entrega dos prémios aos mais distintos alunos louletanos, do ano letivo de 1957.

A mesa era constituída pelo Sr. Presidente da Câmara, Sr. José João Ascenso Pablos, em representação do Sr. Governador Civil do Distrito, Provedor da Santa Casa da Misericórdia Sr. José Francisco Costa, Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, Dr. Aires de Lemos Tavares, Dr. D. Júlia do Nascimento Costa, representante do Externato Infante D. Henrique

(Continuação na 2.ª página)

## A posse da nova Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Loulé

Com numerosa assistência, realizou-se no passado domingo, dia 29, na sala das sessões do Hospital, a cerimónia da posse dos novos componentes da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Loulé que, como noticiámos, foram eleitos para o triénio 1958/60.

A sessão foi presidida pelo Provedor cessante sr. José Francisco Costa, ladeado pelos Director Clínico do Hospital, novo Provedor da Mesa, Presidente da Câmara Municipal de Loulé e pelo sr. Francisco José Ramos e Barros, que, na qualidade de Secretário, leu o auto de posse da nova Mesa eleita no dia 17 p. p. e que ficou assim constituída:

Provedor: Dr. Jaime Guerreiro Rua, Vice-Provedor: João Farrajota Alves, Secretário: José Centeio de Sousa Martins, Tesoureiro: Dr. Manuel Barreiros, Vogais: João Rocha Mendonça, Francisco José Ramos e Barros e Sebastião Rodrigues Marques.

Seguidamente pronunciou um discurso alusivo ao acto,

**Nos nossos Assinantes**  
que estão em atraço com o pagamento das suas assinaturas muito agradecemos o favor da sua pronta liquidação, pois de contrário suspendemos a remessa do nosso jornal.



Dr. Jaime Guerreiro Rua



João Farrajota Alves

do qual extraímos as seguintes passagens:

Considero o ano de 1957, o ano aureo do nosso Hospital, que acaba de atingir uma craveira muito alta, mas apesar de algumas dificuldades que sempre surgem, espero (e julgo que este desejo é de todos nós) que nos anos vindouros a bitola atingida não seja diminuída. Foi na verdade um ano aureo. A sua conta de geração, a aprovar no Tribunal de Contas, e que deve atingir um montante superior a mil contos, é bem ilucidativo.

E a quem se deve, quase na sua totalidade?

A este louletano, amigo da terra que lhe foi berço, amigo do seu semelhante que desprezava a capital, onde gossava e gosa posição de relevo pelas suas qualidades profissionais e nobreza de carácter altamente elevado, veio juntar-se a todos nós no momento oportuno, para salvar o seu e nosso Hospital.

Este louletano, este amigo, está presente, é o sr. Dr. Manuel Cabeçadas, ilustre Director clínico.

co deste hospital, meu companheiro do dia a dia, entre os muros desta casa, sentindo as horas alegres e também amargas que neste lugar muitas vezes existem.

... Sem querer ferir a modestia permita-me que exponha alguns números ilucidadores do movimento do hospital, durante o ano que findou.

Não faço a comparação com o de 1956, porque foi um ano irregular motivado pela doença e falecimento do nosso saudoso amigo que foi incansável e distinto Director clínico deste hospital sr. Dr. José Bernardo Lopes.

Doentes internados em 1955—333; Doentes internados em 1957—767 até hoje; Média diária de doentes internados 48; operações de grande cirurgia em 1955—106; em 1957—405, até hoje.

A pequena cirurgia também atinge numero elevado.

Movimento de Consultas—Externa—(cirúrgica e da clínica Geral)—1.671; Olhos—323, uma vez por semana. Nariz ouvidos e garganta—91—uma vez por mês—Dentes—433—(num período de 2 meses) Tratamentos no Banco 6.400. Exames radeológicos 1.063, deste numero 20% foram gratis.

No ano que vai terminar pagou a Misericórdia a sua parte em equipamento e mobiliário fixado pela Comissão dos Serviços Hospitalares—122 contos; Comprou-se um aparelho de Raios X portátil por 28 contos; Comprou-se mais um aparelho de ondas curtas, 12.500\$00; Ainda mais uma lâmpada para o aparelho existente de Raios X, 18 contos; Um aspirador eléctrico para uso na cirurgia, 9.500\$00; Um armário para material esterilizado na sala de operações, 4 contos; Uma estufa para enxugo de películas de Raios X, 5.300\$00; Uma enceradora e um aspirador de limpeza 4.000\$00; e além dessas verbas gastou-se aproximadamente 30 contos em farramental e aparelhos cirúrgicos.

E é com verdadeira satisfação que afirmo que esta quase tudo pago e ainda existe um saldo regular, para fazer face a qualquer emergência que possa surgir. Dei-

(Continuação na 2.ª página)

## «A VOZ DE LOULÉ» de novo em quinzenário

Com o presente numero retoma o nosso jornal a periodicidade inicial de quinzenário.

Criámos este jornal por corresponder a uma imprevisível necessidade de Loulé, Vila que pretende caminhar na vanguarda do progresso e, por isso mesmo, precisa de fazer ouvir a sua voz.

Passámos-lo para semanário por supormos que corresponderia a uma aspiração da maioria dos louletanos, por entendermos que isso seria um índice de progresso, evidentemente apreciado e correspondido por quantos amam a sua terra.

É certo que a maioria não

nos desiludiu, mas faltou-nos a compreensão, o apoio e a colaboração activa, dos que melhor nos poderiam ter ajudado.

Por isso mesmo, teríamos desiludido os que poderiam esperar que «A Voz de Loulé» tivesse sido um bom semanário como nós pretendíamos.

Mais não fizemos, porque não sabemos ou podemos e não foram pequenos os sacrifícios as preocupações, arreliadas, e principalmente os prejuízos que suportámos sem condições e, por vezes, verdadeiramente incomportáveis.

Assim, uma conjugação de circunstâncias, aliada ao excesso de trabalho, preocupações e sacrifícios a que estávamos sujeitos obriga-nos a fazer sair este jornal, somente duas vezes por mês.

Temos, pois, que lamentar não termos sido totalmente compreendidos nem correspondidos nos nossos propósitos de melhor servirmos a nossa terra.

Entretanto as colunas deste jornal continuam abertas a quantos, louletanos ou não, queiram ajudar-nos a manter aceso este facho de luz espiritual, criado, como dissemos, para a intransigente defesa dos interesses da nossa Terra.

O EDITOR

Informamos os nossos prezados assinantes que, por motivo da passagem do nosso jornal a quinzenário, os preços de assinaturas passam a ser os seguintes:

Trimestre . . . . .	7\$00
Semestre . . . . .	14\$00
Ano . . . . .	25\$00
Ano (Ultramar) . . . . .	30\$00
Ano (Ultramar-Avião) . . . . .	60\$00
Ano (Estrangeiro) . . . . .	35\$00
Ano (Estrang.-Avião) . . . . .	85\$00

Os recibos enviados à cobrança têm um aumento de 1\$00, qualquer que seja a importância.

## Livros e Autores

### CARTAS A COLUMBANO, de M. TEIXEIRA GOMES

vai ser de novo divulgado, vai ser de novo admirado — como o são sempre os grandes e verdadeiros artistas.

A fim de coincidir com o centenário de Columbano (que passou em 21 de Novembro último), foi o volume de cartas ao nosso grande pintor que iniciou a reedição das obras de Teixeira Gomes.

Estas cartas, espelho da actividade intelectual de um císta de raras qualidades, constituem uma coleção epistolográfica de inestimável valor. Escritas depois da última saída de Teixeira Gomes de Portugal, nelas transparece, além do estilista incomparável, o perfeito conhecedor das coisas da arte, o homem que, através de

(Continuação na 3.ª página)

## Assinaturas anuais

A todos os nossos estimados assinantes que desejem pagar as suas assinaturas por ano ou por semestre, pedimos o especial favor de nos informarem a fim de procedermos à cobrança de harmonia com o que mais lhes convenha.

Muito grato ficaremos aos que queiram ter a gentileza de enviar a importância directamente à nossa redacção, poupano-nos pedidos encargos de uma cobrança sempre sujeita ao sabor das circunstâncias.

## As nossas Batalhas de Flores

Já foram iniciados os trabalhos preparatórios para que também este ano se realizem em Loulé as tradicionais Batalhas de Flores, que tanta fama e proveito têm dado à nossa terra.

Para isso se conta com a boa vontade e colaboração ACTIVA de todos os louletanos e não louletanos que desejem contribuir para manter uma tradição que NÃO DEVE MORRER.

F. J. M. 1958

# «Loulé... em retrato»

A pessoa que, há dias, escreveu uma carta anónima a «Reporter X» — vamos lá, não esteja a corar, porque nós não nos damos ao trabalho de saber quem é — desejamos que o Novo Ano de 1958, além de muitas venturas e felicidades, lhe traga mais clarividência ao espírito, mais perfeição no estilo, mais decência nas atitudes e um pouco de menos inveja ou ciúme pela situação dos outros.

E à laia de conselho, permitem-nos que lhe digamos: O seu acto é feio, sórdido e falso de graça.

A nós, não nos aquece nem arrefece.

Para si, é uma mancha que pode trazer-lhe remorsos de um acto indigno, de que, pela vida fora, se arrependa.

E lembre-se de que já é a segunda vez que o faz.

E... Deus não dorme!

Dia de Natal! Dia do Redentor!

Dia em que as almas andam mais perto do céu, para se purificarem da maldade terrena!

Dia em que a bondade deve invadir os corações e trazer aos homens uma mensagem de paz, de carinho, de solidariedade e fraternidade humana!

O Natal em Loulé, não teve a feição dos outros anos.

Era costume ver, ao dia de Natal muita gente nas ruas, muita gente a passear na Avenida, muita gente nos cafés.

Talvez pelo frio, talvez por falta de convivência social, que, dia a dia, mais se acentua, faz diferença do que era habitual.

Apenas no Cinema, se registou a tradicional frequência.

E vamos lá que «Helena de Troia» é um grande filme e a «Rosana Podestá» uma grande vedeta.

O nosso jornal, a partir deste número, vai passar a quinzenário como está assente.

Quem está a ganhar com o caso, somos nós, que, em vez de duas chapas, por quinzena, passamos a gastar só uma.

A sorte Grande deste ano, tem andado de roda da porta. O número premiado pelo Natal, costumava vir para Loulé e tanto assim, que no dia em que saiu, havia caudas com o mesmo número,

## Sorteio da Casa dos Rapazes

Relação dos números premiados no sorteio realizado em 20 de Dezembro de 1957, promovido pela Casa dos Rapazes.

1º Prémio — Aparelho de rádio Philips, N.º 23.181; 2º — Bicicleta «Seta Popular», N.º 75.726; 3º — Máquina de Costura «Singer», N.º 29.713; 4º — Máquina de lavar roupa «Servis», N.º 30.654; 5º — Fogão Gacidila, N.º 13.728; 6º — Bicicleta normal «Perfecta Veloz», N.º 36.110; 7º — Fogareiro gacidila, N.º 59.136; 8º — Bicicleta normal s/marca, N.º 34.772; 9º — Miniatura de um barco, N.º 43.261; 10º — Uma máquina fotográfica «Pinguim», N.º 23.622.

Rafael Almeida Santos

R. DIogo CÃO, 20 - ÉVORA

Trata de toda a documentação para AUTOMÓVEIS, MOTORISTAS e candidatos a CONDUTORES

A AGÊNCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAÍS  
TELEFONES

Escritório 2206 Residência 2768

# QUARTEIRA

(Continuação da 4.ª página)

para o lotaria do Ano Bom.

Agora a do Ano Bom, foi para Portimão, na sua maior parte. Pelo menos, anda perto, de nós!

Diz-se que pela nova reforma de serviços agrários vai aumentar o número de Postos Agrários e Zootécnicos.

Sendo Loulé, o maior concelho do Algarve e o que dispõe portanto de maior área agrícola e, incontestavelmente, de maior riqueza e população pecuária, porque não solicitar e insistir pela instalação aqui de um Posto fixo, de qualquer daquelas duas modalidades?

Parce que a altura era a melhor.

Aos organismos interessados e interferentes recomendamos a sugestão.

Pessoa amiga perguntanos de Lisboa, se já se deu mais algum passo para a instalação da Biblioteca Municipal, para o que forá votada a respectiva verba e criada uma comissão.

Não sabemos do que se passa mas é provável que seja o que quase sempre sucede: A verba é extinta e a Comissão é provável que... aguarde oportunidade de agir.

De resto, o problema é tão velho... e já foram feitas tantas tentativas!

No dia de Natal, vimos na rua, as duas filarmónicas locais.

A Música Nova e a Música Velha. Ainda bem que continuam as duas! Sempre há pessoas que gostam de ser fieis a uma ideia.

Nós proporíamos se tivessemos voto na matéria, que, como prémio de tanta perseverança, se casassem as duas.

Mas quem é que vai nisso?!

Reporter X

## OPNEU que mais barato lhe sai por Km. é o da

## MABOR General

Agente em LOULÉ

Manuel de Sousa Pedro

Largo Dr. Bernardo Lopes

## Panelas de Pressão a prestações mensais, desde Esc. 14\$00

só no

Centro Comercial de Representações e Informações  
Rua da Carreira, n.º 5  
LOULÉ — Telef. 277

## SE DESEA

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de JOSE DE SOUSA PEDRO

Rua 5 de Outubro, 29

LOULÉ

Rafael Almeida Santos

R. DIogo CÃO, 20 - ÉVORA

Trata de toda a documentação para AUTOMÓVEIS, MOTORISTAS e candidatos a CONDUTORES

A AGÊNCIA MAIS CONHECIDA NO SUL DO PAÍS  
TELEFONES

Escritório 2206 Residência 2768

# Quarteira... em retrato

(Continuação da 1.ª página)

geito no desenvolvimento de uma localidade.

As teorias de que os urbanistas são só para deitar abajo e desenhar no espaço, de dar lugar à noção clara e absolutamente certa de que o urbanismo é hoje uma ciência que, cada vez mais, se afirma imprescindível para a resolução do problema vital de qualquer localidade.

Só quem não conhece a complexidade de estudo e de estatísticas a que obedece um Plano de Urbanização pode fazer a afirmação gratuita de que os técnicos não estão integrados nos hábitos e profundamente conscientes dos usos dos habitantes da localidade que pretendem planejar.

As possibilidades económicas-financeiras com que terá de realizar-se essa obra, grandiosa ou não, dependem exactamente do próprio Plano de Urbanização, porque uma vez este aprovado, haverá, de certo, muito mais boa vontade de contribuir por parte da Câmara e de outras entidades, bem como a maior probabilidade de se conseguirem comparticipações do Estado, para a execução de determinados sectores ou fases do mesmo Plano.

Quase todas as terras do Algarve onde há pescadores, assinalam a existência de Balros destas humildes mas tão simpáticas classes de trabalhadores.

Quarteira, afóra o magnífico Centro de Assistência Social, recentemente inaugurado, nada tem que seja feito em benefício do pescador e, por estar em condições de inferioridade, é que precisa de se actualizar para que os seus pescadores gozem da mesma regalia que os de outras terras que se encontram em condições de prioridade.

Impõe-se pois a urgente e imediata necessidade de escolher terreno para instalação do Bairro dos Pescadores, dado que se conta previamente com a generosa e gentil atitude da Junta Central da Casa dos Pescadores, como recentemente foi prometido pelo Sr. Comandante Henrique Tenreiro seu ilustre e esforçado Presidente, de dar realização imediata a essa obra.

Como vimos quer o Plano de Urbanização quer a construção do Bairro de Pescadores são melhoramentos muito mais vitais e importantes aos que para Quarteira, do que a separação das duas zonas da Praia ou a pavimentação de algumas ruas.

E nós já vimos o que foi a pavimentação apressada e sem assistência técnica que ali se fez há dois anos e que está completamente a esborrar-se e a desaparecer.

Façam-se as coisas mas integradas em planos e projectos que as conduzam e não armadas no ar, como se costuma dizer, pois que assim apenas se gasta superfluamente e frustemente.

R. P.

## Distribuição de prémios

(Continuação da 1.ª página)

desta Vila, Pároco da freguesia de S. Clemente Revereiro Padre João Coelho Cabanita, Delegado Escolar do Distrito sr. Manuel José da Silva Guerreiro e pelo conterrâneo convidado, Sr. Engenheiro José Maria Farrajota Cavaco.

Abriu a sessão o Sr. Presidente que proferiu algumas palavras alusivas e justificativas do acto, elogiando a vereação que tivera a ideia de criar aqueles prémios que tanto incentivo davam aos que, nos seus estudos, procuravam obter as mais altas classificações e representavam a justa compensação do esforço intelectual dispensado.

A seguir o Sr. Engenheiro Farrajota Cavaco proferiu a sua conferência versando o valor das ciências exactas como elemento fundamental da cultura moderna e dizendo da sua satisfação em lhe ter sido proporcionada esta oportunidade de falar na sua terra.

Os alunos premiados foram:

Carminda Maria Mariano Cavaco, Álvaro Pedro Café, José Ruivinho Brazão e Fátima Maria de Bento Guerreiro.

Alfarrobeiras  
EM VASOS  
Vendem-se  
Tratar na Farmácia Pinto  
LOULÉ

# Quarteira...

## em retrato

(Continuação da 1.ª página)

Já outro articulista se pronunciou, dizendo não acreditar que haja quem queira ir passar para «Avenida dos Cavacos», quando tem uma Avenida à beira-mar, propondo até que esta fosse alargada em 3 metros.

Quanto a nós, parece-me que a circulação de pessoas e veículos por uma única via, sobretudo nos dias de grande movimento, deve ser condenada. Há necessidade, prevista, aliás, no esboço do Plano de Urbanização, de abrir uma rua paralela à Avenida Infante de Sagres, que sirva os edifícios de carácter colectivo, como são os estabelecimentos comerciais, as garagens, etc. A ligação entre estas duas ruas deve ser feita por uma larga avenida que sirva também de passeio.

Porém, será absolutamente indispensável que esta ligação principal se faça no local onde hoje está a esplanada-dancing, obrigando ao desaparecimento de valores importantes da Junta e de particulares?

Não haveria possibilidade de construir esta transversal de ligação, mais a nascente?

E perguntamos ainda: tem a nossa praia, actualmente, ou num futuro mais ou menos próximo, como praia de um concelho que não é dos mais ricos do Algarve, — (segundo a captação das contribuições, está em 13.º lugar entre todos os concelhos algarvios, pagando apenas um terço da referida captação dos concelhos mais ricos) — necessidade absoluta de fazer essa expropriação, quando, com um arranjo do Plano de Urbanização, se poderia deslocar a Avenida Central e o conjunto dos estabelecimentos colectivos, para nascente?

Por outro lado, é preciso esclarecer a opinião pública, que suposiamente se entende que é por agora anti-económica a exploração de Hoteis na nossa praia, em virtude dela ser frequentada apenas durante parte do ano, — e isto com o fim de evitar os desastres financeiros que se tem observado noutras praias.

E daí a necessidade de construir, em vez de um Hotel, que é caro e de difícil manutenção, um bom restaurante em pequenos edifícios idênticos aos que já hoje se vêm nas praias do sul de Espanha e que estão espalhados por toda a Europa e nas praias da própria América do Norte. Chama-se a esse pequeno edifício individual, bem mobilado e com uma casa de banho e uma pequena garagem — o motel. A palavra é composta de 2: motor e hotel. Uma série destes edifícios, construídos num só piso, mas com o mesmo número de alojamentos que um hotel, custa a terceira parte deste.

Esta orientação superior obriga à revisão do esboço do Plano de Urbanização da nossa praia. Portanto, é tempo de o arquiteto substituto do primeiro autor do plano, enquadrar as construções a fazer, as ruas a abrir, etc..

E como conclusão, justifica-se que não só se mantenha a actual esplanada-dancing, como ainda nela se construa a sede da Junta e uma boa sala de restaurante e de reunião dos veraneantes, como vai inaugurar dentro de alguns meses a praia de Armação de Pera, cujo ante-plano de urbanização já tem esboçado a construção dum «motel».

A. S. P.

## NÃO COMPRE

Motores Eléctricos, Diesel e a Petróleo

sem primeiro visitar o

STAND

de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

LOULÉ

## Para os seus SEGUROS consulte

Manuel de Sousa Pedro

—»—

SEGUROS em todos os ramos

Largo Dr. Bernardo Lopes

LOULÉ

## CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

# A posse da nova Mesa

## da Santa Casa da Misericórdia

(Continuação da 1.ª página)

Instituição e com a vossa dedicação.

V. Ex.º têm que pugnar pelo princípio que poderemos chamar de «Humanização do Hospital», o Hospital tem que deixar de ser um Organismo, em que a vida financeira assume valor supremo, o Hospital, é pelo contrário, um centro para cuidar do Homem. Os cuidados têm de ser de natureza material, espiritual e moral. Os cuidados materiais não abrangem apenas o simples diagnóstico e terapêutico dos males e afeções.

Porque o Homem é sujeito de necessidades várias, conforto, comodidade, alimentação, etc. deve o Hospital dar-lhe total satisfação.

Injusto seria ainda se esquecesse o pessoal técnico, os funcionários e as servidoras, que têm sabido cumprir também a sua missão.

Usou depois da palavra o distinto e já muito considerado Director Clínico do Hospital, sr. Dr. Manuel Cabecadas, que fez as seguintes afirmações:

Creio ser o meu dever pronunciar neste acto, algumas palavras, que embora singelas, são profundas na emoção, pois ao vir para esta terra, vinculei a ela a minha vida



# EDITAL RECENSEAMENTO ELEITORAL

ANTONIO JOAQUIM DE ALMEIDA, Chefe da Secretaria  
da Câmara Municipal do Concelho de Loulé:

FAZ SABER, nos termos e para os efeitos do art.º 10º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações de recenseamento dos eleitores do PRESIDENTE DA REPÚBLICA e da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1958, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos artigos 1.º e 2.º da citada lei:

São eleitores e, como tal, recenseáveis:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais;

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

a) — curso geral dos liceus;

b) — curso do magistério primário;

c) — curso das escolas e belas-artes;

d) — curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;

e) — curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art.º 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos n.ºs 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma de curso, da certidão ou da pública-forma respectiva, perante a comissão de freguesia ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art.º 13.º da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos, com direito a voto, poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento, ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho, 17 de Dezembro de 1957

O Chefe da Secretaria,

António Joaquim de Almeida

Transportes de Carga Louletana, L.º



Largo Tenente Cabecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA:

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

Sempre

Que V. Ex.ª pretenda adquirir:

Sedas — Lás — Algodões — Malhas — Meias — Camisas — Peugas — Sombrinhas — Malas — Panos brancos — Chapéus, etc., etc.

Não deixe de visitar o estabelecimento de  
José Calçada da Silva

R. Vice-Almirante Cândido Reis  
(Rua do Tribunal)

LOULÉ

AGÊNCIA PENINSULAR  
de VIAGENS E TURISMO

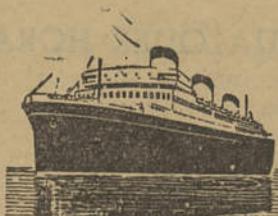
Rua Conselheiro Bivar, 58 — Telefone 216 — FARO

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países da

Europa, África, Américas  
do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas as Companhias.

Obtenção de passaportes  
e vistos Consulares



Livros e Autores

(Continuação da 1.ª página)

todos os seus livros, proclamou sempre uma imensa alegria de viver («Ao reler esta carta fiquei radiante. Columbano amigo, definitivamente eu rejuvenesci: cartas destas só se escreviam em 1830» — P. S. da 5.ª carta, 1926).

Muitas vezes é na sua correspondência particular que os artistas se realizam com mais profundidade. Talvez esse não seja o caso de Teixeira Gomes, uma vez que, depois das 3 ou 4 primeiras cartas a Columbano, ficou assente que T. G. as publicaria. Porém, nestas cartas, escritas a um artista por quem o escritor algarvio tinha a maior admiração, esse Columbano, companheiro espiritual que, até involuntariamente, evoco, nos momentos de emoção artística, estávamos perante um Teixeira Gomes espontâneo e, por isso mesmo, tanto mais admirável, tanto mais apaixonado pela aventura de viver.

O conceito destas CARTAS poderia subdividir-se em três partes essenciais: o descriptivo de paisagens (onde encontramos o incomparável estilista de tantas obras-primas), a crítica de arte (Teixeira Gomes, conhecedor profundo das mais representativas obras plásticas de sempre, delas nos fala com o fulgor da sua inteligência e a firmeza da sua experiência, à medida que vai visitando os centros por onde viajou) e os encontros e desencontros consigo mesmo, expressos na saudade, esse sentimento que, afinal, não é exclusivo de portugueses mas ao qual o português, mas choramingas do que os outros povos, se pega como se fosse a guitarra, mas que em Teixeira Gomes vem ao de cima, especialmente quando evoca o seu mar... (o mar que eu procuro, e pelo qual anseio, não existe em parte alguma. Ele formou-se-me na imaginação, à semelhança do mar do Algarve, que na realidade já não tinha par, e transformado pela saudade e pela fantasia, em anos e anos de ausência, não sofre comparação com essas grandes poças de águas conspurcadas, que babujam na areia negra, e a que por toda parte se dá o nome de mar. Desta vez, na costa de Toscana, o desencanto arrancou-me lágrimas de desespero!) Isto é saudade, e não é saudade choramingas mas saudade forte, saudade em potencial porque Teixeira Gomes é o homem eterno procurador de beleza, dessa beleza que nunca está completamente num só lugar: Chegasse o mar a Florença e seria esta a minha terra preferida para morrer...

Mas através destas três facetas de Teixeira-Gomes, é o grande escritor que ele é que transparece mais e mais. O escritor que tanto atrai quando descreve a Capela Sixtina ou o parque de Belvedere em Tunes, um quadro de Alvaro Pires (o Menino tem um ar espevitado que está pedindo acoitinhos) ou a evocação dos seus dias de infância neste Algarve tão seu (Nascido e criado no Algarve, onde ainda então as amas contavam aos meninos lendas de moiras encantadas...), o escritor senhor de um estilo de uma perfeição homogénea, o escritor inteligente e atento ao grande palco a que pertence.

São doze cartas profundamente humanas, perfeitamente sincronizantes. Entretanto o grande amigo Columbano morre, mas a correspondência, agora sobre a forma de «solilóquios» continua... Teixeira - Gomes escreve ainda «uma testemunha que não escuta nem ouve senão nas figurações da minha imaginação» — para uma testemunha que, apesar do corte da morte, continuou viva e inspiradora, continuou o diálogo entre dois artistas dos maiores da nossa terra. Porque o diálogo entre artistas vence a convenção que é a morte; Pessoa e Platão dialogaram, do mesmo modo que os artistas plásticos de hoje dialogam com Columbano e os escritores de agora dialogam com Teixeira-Gomes...

E através destes 6 solilóquios que nos surge o «outro» Teixeira-Gomes, que, agora, não descreteando objectivamente sobre uma obra de arte determinada, nos presenteia com o fluxo do seu pensamento sobre o vibrátil tema que é o «fenômeno artístico». Para uma transcrição correcta, teríamos que sublinhar toda a parte final do livro, todo o livro, essa vitória que só os grandes escritores alcançam — os escritores de frases célebres são, geralmente, os escritores de páginas cansativas pelo vazio do seu conteúdo. Em Teixeira-Gomes há uma frase célebre — toda a sua obra...

Também é tempo de pôr ponto a estas considerações desprevenidas à obra de um escritor que, afinal, não conheço tão bem como o desejaría. Mas a reedição de um escritor é um facto, e, com esse facto, é todo um largo círculo de portugueses mais ou menos culto que está de parabéns.

(PORTUGALIA EDITORA, que reeditará brevemente outras obras de Teixeira-Gomes, entre as quais: «Inventário de Junho», «Agosto Azul», «Novelas Eróticas», «Maria Adelaide», «Cartas e outros inéditos» etc.).

10-XII-57

Casimiro de Brito

**PARA QUE A BATALHA DE FLORES DE LOULÉ  
DE 1958 RESULTE EXPLENDOROSA E DIGNA CONTI-  
NUADORA DO BRILHO DOS ANOS  
ESPERA-SE A COLABORAÇÃO ACTIVA DE TODAS AS  
PESSOAS DE BOA VONTADE QUE QUEIRAM AJUDAR  
A MANTER A TRADIÇÃO DAS NOSSAS FESTAS CAR-  
NAVALESCAS.**

**O HOSPITAL DE LOULÉ PRECISA E MERCE O  
VOSSO AUXÍLIO.**

# A Quarteira

## Notícias pessoais

### ANIVERSARIOS

Fazem anos em Janeiro:

Em 1, a sr.<sup>a</sup> D. Celestina Ramos da Ponte e os srs. José Manuel Júdice Pontes e Francisco Bita Bota, residente em Lisboa.

Em 2, a sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo de Brito Gomes, residente na América do Norte, e o menino Júlio Fernandes Gonçalves Guerreiro e a menina Maria Cardoso Ramos Barros.

Em 3, o menino Francisco da Silva Ferreira.

Em 6, a menina Deonilde Morigo Martins e o sr. Sebastião Mendonça, residente em Faro.

Em 8, o menino José Manuel Sousa do Nascimento.

Em 9, a sr.<sup>a</sup> D. Laurinda da Ponte Gonçalves Madeira, residente em Vila Real de Santo António.

Em 10, a menina Orlando Maria de Sousa Luís Ramos, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Josefa Guerreiro Rua Frade e o sr. Francisco Andrade Ferreira.

Em 12, as sr.<sup>as</sup> D. Zídia Costa Nordeste dos Santos Vaz, D. Maria Elizabeth Mendes Esteves e D. Cândida do Brito Cecília, residente no Palmeiral.

Em 13, a menina Maria de Fátima Barros Gonçalves.

Em 14, a menina Maria Catarina d'Elvira Rodrigues Cebola.

Em 15, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Quitéria Ramos.

Em 16, o menino António Vilalobos de Carvalho Santos.

### PARTIDAS E CHEGADAS

Após ter passado alguns meses em missão de estudo, em Paris, regressou há dias a Faro o nosso prezado amigo e conterrâneo e funcionário sr. Dr. Joaquim de Brito da Maia, dedicado Director do Instituto Maternal da vizinha cidade.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o sr. José Maria Ramos, nosso prezado conterrâneo e funcionário supervisor dos C. T. T., em Faro.

Em gozo de férias, encontramo-nos em Loulé o nosso conterrâneo e prezado assinante em Lisboa sr. João Maria Martins da Silva, funcionário judicial na capital.

A passar as festas com sua família encontra-se nesta a sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> D. Maria Amélia Ramos Elias, professora do ensino secundário em Beja.

— Em gozo de férias está em Loulé o nosso estimado assinante em Beja sr. Sebastião Esperança Tomaz.

— Acompanhado de suas filhinhas e esposa sr.<sup>a</sup> D. Maria Angéla Cabral Ançã Mendes, esteve nesta vila a passar as festas com sua família, o nosso estimado assinante e conterrâneo sr. Joaquim de Sousa Mendes.

— Acompanhado de suas filhas e esposa sr.<sup>a</sup> D. Maria Eduarda Sá Pereira Pinto, esteve em Loulé de visita a seus pais, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Dr. Orlando Rafael Pinto, proprietário da Farmácia Tagus de Lisboa e técnico do Instituto Luso-Farmacêutico.

— Com curta demora, esteve neste o nosso conterrâneo e prezado assinante em Lisboa, sr. Leônido Gonçalves Conceição.

— A passar as festas com sua família encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante em Almada sr. Modesto Apolónia Cavaco.

— Com seu filhinho e esposa sr.<sup>a</sup> D. Dina Maria Rocha Carapeto Vilhena Ramires Ramos, veio a Loulé passar as festas do Natal o nosso prezado assinante em Ervidel sr. Joaquim de Vilhena Ramires Ramos.

— Vindo do Canadá, onde há tempos reside, encontra-se em Loulé a passar uma temporada o nosso conterrâneo e prezado assinante naquele país sr. Manuel de Sousa Farrajota.

— Com curta demora esteve em Loulé o nosso prezado assinante em Lagos sr. José Elias dos Santos Junior, aspirante de finanças naquela cidade.

— Também vimos nesta o sr. José Correia Varela, aspirante de finanças e nosso estimado assinante em Aljezur.

### CASAMENTOS

Realizou-se no passado dia 22, na igreja paroquial da Guia, o enlace matrimonial da sr.<sup>a</sup> D. Maria Dulce Martins Cristóvão, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Isabel Martins Cristóvão e do abastado proprietário e industrial sr. António Martins Cristóvão, com o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. José Manuel de Oliveira Filho, funcionário de finanças, filho da sr.<sup>a</sup> D. Adélia Cândida de Sousa Oliveira Filho e do sr. José Firmo de Freitas Filho, já falecido.

Paranifaram o acto por parte da noiva seus primos sr.<sup>a</sup> D. Mariana Carneiro da Silva Martins Seromenho e seu filho sr. Luciano Jorge da Silva Martins Seromenho, e por parte do noivo sua irmã sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> D. Maria José de Oliveira Filho de Sousa Lopes e seu cunhado sr. Capitão Manuel Viegas de Sousa Lopes.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na casa dos pais da noiva, um abundante e finíssimo lanche, aos numerosos convidados.

O novo casal, a quem desejamos as maiores felicidades, fixou a sua residência em Loulé.

— No passado dia 24 de Dezembro, teve lugar, na Igreja de S. Lourenço (Almancil) a cerimónia do casamento da sr.<sup>a</sup> D. Justina da Luz Pereira e Melo, afiliada do nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Virgílio de Sousa Viegas e de sua esposa sr.<sup>a</sup> D. Maria da Luz Guedes Viegas, com o sr. Virgílio Rodrigues Lázaro, desenhador do Instituto Geográfico Cadastral de Lisboa, filho do sr. João Rodrigues Lázaro e da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Encarnação Lázaro.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, o sr. Inácio Coelho Martins e sua esposa sr.<sup>a</sup> D. Amélia Mirotas Martins e o sr. Virgílio Alves Matias e sua esposa sr.<sup>a</sup> D. Genoveva de Sousa Matias e por parte do noivo seu cunhado sr. António de Oliveira e Silva e esposa sr.<sup>a</sup> D. Antoneta Rodrigues da Silva.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo «copo de água» em casa dos padrinhos da noiva sr. Virgílio de Sousa Viegas.

Para os noivos, vão os nossos parabéns, com votos de perene luta de mel.

### FALECIMENTOS

Após prolongado e doloroso sofrimento faleceu em casa de seu pai, em Faro, o sr. Dr. Francisco de Barros Guerreiro, filho do nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Francisco Guerreiro de Barros, Presidente da Comissão Concejal da U. N. e do Grémio dos E. F. P. Hortícolas do Algarve e antigo Presidente da Câmara de Faro.

Apesar de esperada, dada a gravidade do mal de que fora vítima e que as maiores sumidades médicas da Europa não conseguiram debelar, a sua morte foi muito sentida nesta vila de onde a saudosa extinta era natural.

Merce das suas faculdades de inteligência e trabalho e apesar de contar apenas 37 anos de idade, conseguiu ascender ao elevado cargo de Director Administrativo da Companhia dos Petróleos de Angola, grangeando merecida simpatia de quantos com ele privavam.

O indito extinto, deixa viuva a sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> D. Maria Helena de Sousa Barros Guerreiro, deixou três filhos de tenra idade, era irmão da sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> D. Maria Adélia de Barros Fonseca, casada com o sr. Dr. Humberto dos Santos Fonseca, e do sr. Arquitecto Armando Guerreiro de Barros. O seu funeral, realizado para o cemitério de Faro, constituiu uma sentida manifestação de pesar.

A encomendação do cadáver foi feita pelo Rev. Padre Araújo, Coadjutor da Sé.

A toda a família enlutada «A Voz de Loulé» endereça a expressão sincera do seu profundo pesar.

— Com curta demora esteve em Loulé o nosso prezado assinante em Lagos sr. José Elias dos Santos Junior, aspirante de finanças naquela cidade.

— Também vimos nesta o sr. José Correia Varela, aspirante de finanças e nosso estimado assinante em Aljezur.

## Quarteira

O «Diário Ilustrado» encetou um curioso inquérito que consiste em recolher de todas as povoações do País, a resposta a esta pergunta:

«Quals são os mais importantes melhoramentos que desejava ver realizados no ano de 1958?»

Pois Quarteira, pela pena do seu correspondente, respondeu:

1.º A construção da rede de esgotos.

2.º A separação da Praia de banhos da zona dos pescadores.

3.º A reparação e pavimentação e algumas ruas.

Se fossemos nós a responder teríamos optado pelos seguintes:

1.º Aprovação do Plano de Urbanização.

2.º A construção da rede de esgotos.

3.º A construção do Bairro de Pescadores.

E justificando a nossa preferência diremos que a rede de esgotos é muito mais fácil de estudar e resolver logo que se tenha aprovado o Plano de Urbanização, por que este é que há-de, em definitivo, acertar quais as ruas a abrir, qual o sentido a dar aos colectores, quais os locais onde há carência de instalações especiais e tudo isso é que há-de constituir a base do estudo das secções a utilizar.

O problema da separação da Praia de Banhos da zona utilizada pela classe piscatória não se nos afigura essencial, pois que se tivermos a estrada a ligar directamente ao Cemitério à Praia, tudo há-de evoluir no sentido de estabelecer automaticamente essa separação.

E note-se que até não deixa de ser interessante para o turista a observação daquela zona de actividade, que tem de se admitir sempre à vista da Praia de Banhos, mais cá ou mais lá, dada a configuração de praia corrida que Quarteira tem.

Ainda do Plano de Urbanização depende todo o futuro da Praia que hoje está circunscrito à estrada a que hoje eufemisticamente chamamos Avenida Infante Santo.

Se há quem se contente com isto, achando que o resto é sonhar, nós diremos que as comodidades com que hoje se conformam os que procuram a Praia da Quarteira, não podem confinar-se ao melhoramento da existente sob pena de, no futuro nos acusarem de pouco previstos e desmazelados.

Quarteira, como Praia de Banhos de futuro tem de ter um Plano que regulamente o seu desenvolvimento e progresso futuro e não há felizmente quem, hoje em dia, despreze o concurso de técnicos urbanistas sempre que se prevê fazer alguma coisa de de

(Continuação da 2.ª página)

### Poupe dinheiro

#### e viaje com segurança

usando no seu automóvel

#### Pneus MABOR

A' venda no Stand do Agente

José de Sousa Pedro

### Actividade da J. O. C. F.

(Continuação da 1.ª página)

de mercê da generosidade de numerosas senhoras e de filhas que, aproveitando sobras de lás, conseguiram fazer as vistosas blusas que se encontram em exposição num estabelecimento da Rua da Carreira.

Por intermédio do nosso jornal as dirigentes da J. O. C. F. tornam público o seu agradecimento a todas as pessoas que gentilmente colaboraram nesta campanha e aproveita a oportunidade para lhes pedir que continuem juntando as sobras de lás que possam ir acumulando, com vista ao próximo ano.

### FARMÁCIA

Vende-se pela maior oferta Farmácia Santos — Loulé.

## Publicações recebidas

ENCONTRO — Cadernos de Poesia.

Recebemos o primeiro caderno desta série, colaborado por Carolina Lima Vaz, Casimiro de Brito, Domingos Carvalho, Eduardo Olímpio e José da Fonte-Santa. Com um aspecto gráfico bastante bom, é colaborado por poetas jovens que, segundo nos informam, vão iniciar já a publicação do seu segundo caderno, subordinado ao tema PORQUE CANTO?

Devem colaborar neste segundo caderno, Eduardo Olímpio (o seu organizador), Casimiro de Brito, Carlos Alberto Jordão, Matilde Rosa Araújo, uma poetisa brasileira jovem e ainda, em extra-texto, um dos maiores poetas portugueses consagrados da actualidade. Pedidos à página rítmica deste jornal, PRISMA.

### O LIVRO DAS MIL E UMA NOITES

Acabamos de receber o sexto fascículo desta obra monumental que a Editorial Estúdios Côte resolveu editar, integrada num plano editorial digno de elogio.

Colaboraram neste número como tradutores: Aquilino Ribeiro (que também dirige a obra) e Carlos Oliveira, e, como ilustradores: Dourado e Júlio Pomar (colaborador do nosso PRISMA). Termina-se a história O CORCUNDA e inicia-se a HISTÓRIA DA DOCE-AMIGA.

### HISTÓRIA DA ARTE

Entretanto, a Editorial Estúdios Côte informa que vai editar a HISTÓRIA DA ARTE, numa artística e cuidada edição, escrita por Elie Faure e traduzida para o português pelo Escritor Vitorino Nemésio. Esta obra, já traduzida em cinco ou seis idiomas, também se sentia como necessária no nosso país que, de modo nenhum, pode estar alheio a publicações deste género.

A HISTÓRIA DA ARTE, de Elie Faure, é constituída por 5 volumes que já se encontram totalmente publicados. Todavia a EDITORIAL ESTÚDIOS Côte facilitará a sua aquisição com a modalidade da distribuição por festejos. Os interessados nesta grandiosa obra, devem dirigir-se a ESTÚDIOS Côte, Travessa da Esperança, 8-2. LISBOA.

### CELULÓIDE — Revista portuguesa de cinema

Acaba de ser publicado o primeiro número de CELULÓIDE, revista portuguesa de cinema. É com enorme satisfação que damos esta notícia, uma vez que, até agora, só tínhamos em Portugal, sobre cinema, a revista IMAGEM.

Dirigida por Fernando Duarte, animador do Cine-Clube de Rio Maior, apresenta um aspecto gráfico despretencioso — precisamente porque é uma revista séria, em que a fachada «deve ser o menos»,

São os seguintes, os artigos deste primeiro número: «Primitivos do Cinema Português» por Fernando Duarte; «Situação do Filme Português», por Norberto Viana; «Lua de Mel» de Eric Von Stroheim; «O homem visível» de Bela Balazs; «Maria Schell» por Luigi Chiarini e uma secção de crítica assinada por J. F. Aranda e F. Duarte.

A novel revista desejamos uma vida longa em prol da Cinema, Arte que se propõe elevar e defender.

C. B.

## Nova Mesa da Misericórdia

(Continuação da 2.ª página)

da vida da Santa Casa e por isso pedia que qualquer reparo à orientação da Mesa ou a qualquer acto dos mesários, fosse feita franca e directamente e não por meio de críticas lá fora que, além de não trazerem remédio justo e pronto a qualquer erro possível, longe de prestigiarem a instituição só poderia prejudicá-la, fazendo-a passar de maledicência e da intriga.

Seria de desejar, disse, que, unidos em volta da sua Misericórdia, do seu Hospital, os louletanos podessem reunificarem-se e fazerem subir o ambiente de unidade e de mútua compreensão para que o seu apregoada bairrismo não fosse uma figura de retórica.

Evocou a sua passagem pela produtora há cerca de 21 anos, teve palavras de confiança para o corpo clínico e em especial para o seu director, cujo saber, proficiência e sô crítico facilitava a acção da Mesa, hoje confinadas, infelizmente, à manutenção do Hospital, as Misericórdias têm a sua função assistencial limitada à luta contra a doença. Por isso quando, como sucedia ali, a direcção clínica era criteriosa e intimamente ligada aos problemas económicos da casa, as preocupações da Mesa seriam menos pesadas. Manifestou a sua unidade de vistos com o Dr. Cabedas no sentido de humanizar a assistência hospitalar, subordinando as questões económicas ao interesse do doente, em que não se devia ver o ocupante da cama número tal, mas um irmão nosso para cujo cura e amparo se deveriam colocar na posição de pessoas da família.